



Faculdade de Educação

O conhecimento em sala de aula: a atividade de ensino
Prof. Dr. Manoel Oriosvaldo de Moura

EDM 5730

Acadêmica: Ma. Elenira Oliveira Vilela

NUSP: 8496905

Resumo

ZEICHNER. K. TABACHNICK. B. Influencias individuales y contextuales em las relaciones entre las creencias del professor y su conducta em la classe: estúdios de casos de dos profesores principiantes de Estados Unidos. In: ANGULO, L.M.V. (coord.). **Conocimiento, creencias y teorías de los profesores: implicaciones para el curriculum y la formación del profesorado**. Alcoy, Espanha, Editorial Marfil, S.A. 1988.

Este texto apresenta uma análise sobre a relação entre as crenças e a prática docente de professores, a partir do estudo de dois casos de professoras iniciantes nos Estados Unidos, na busca por consistências e coerências entre estas características (crenças e prática).

Mas ao fazer essa análise, os autores fazem uma diferenciação importante entre esse trabalho e os demais realizados anteriormente sobre o mesmo tema, que neste caso as concepções defendidas pelos profissionais foram comparadas não com sua opinião sobre sua prática, mas com a prática profissional diretamente observada. O outro diferencial está que essa análise busca compreender o que altera a conduta dos docentes na busca pela coerência e não somente a sua existência ou não em maior ou menor grau (p. 137).

Nesta análise, fica demonstrada a preocupação com a realização efetiva de um estudo de caso, pois os autores descrevem o perfil das professoras selecionadas e uma metodologia de coleta de dados em que o aprofundamento na compreensão dos fenômenos no caso é buscado cuidadosamente.

Durante a descrição do caso da professora Beth, alguns aspectos são notáveis: a forma da organização escolar (3 ou 4 professores para atender na mesma sala um número de 80 a 100 alunos, dividindo-os em grupos que vão de 10 a 25 alunos e que recebem aulas de cada um dos professores sobre disciplinas científicas diferentes (além das aulas de música, arte e educação física ministradas por especialistas)). A ideia da Beth da necessidade de liberdade criativa no ato de aprender dos estudantes contraposta por um ensino padronizado, com provas padrão, materiais didáticos padrão e no qual o planejamento do professor fica reduzido a escolher questões a serem trabalhadas de um livro didático ou propor exercícios complementares.

Faz algumas críticas a observação da prática profissional de Beth, como ao fato de ela debater o conteúdo de um livro que ela mandou os estudantes lerem, mas que ela mesma não havia lido. Ou ao fato de ela usar como determinante quase exclusivo as combinações com os colegas sobre a divisão do tempo para cada momento de ensino, sem considerar critérios que tenham relação com o próprio conhecimento a ser apropriado ou com o ritmo de aprendizado das crianças, entre outras (p. 141).

Chama atenção dos autores o fato de a Beth ter alterado pouco sua prática pedagógica em seu primeiro ano de trabalho, notadamente essa mudança aconteceu principalmente em relação a sua autoconfiança e na diminuição do espaço dado à aprendizagem ativa dos estudantes. Essa constatação leva a outra: certa incoerência entre o discurso e a prática profissional dela, passando a reduzir de maneira significativa o tempo para essa aprendizagem ativa quando planeja e ministra suas aulas.

Hannah, a outra professora que foi sujeito do estudo de caso, dava aula em uma escola com cerca de 190 alunos, da qual ela era a única professora de oitavo ano. Esta escola tinha uma organização bastante diversa daquela em que Hannah realizou seu estágio. Isto porque a primeira era muito fechada e com uma organização muito rígida, dando pouco espaço de criação no planejamento das aulas ao professor. Já a que ela começou a ministrar aulas era o

oposto absoluta, cada professor era bastante individualista e fazia o que bem entendia em suas aulas, sem muito ou nada debater com os colegas (a exceção no caso estudado foi a cumplicidade com o professor dos étimo ano, com quem Hannah contava como suporte e como possibilidade de reflexão). A exigência manifesta era a de cumprimento do currículo previsto, mas o professor tinha autonomia de superá-lo ou de adotar materiais complementares na abordagem de algum dos itens exigidos neste documento. O único controle do trabalho dos professores era exercido por meio da padronização das formas de avaliação.

Apesar dessa autonomia aparente, havia um contrato tácito entre os professores e destes com a comunidade de padronização das relações entre professores e aluno, que era rígida e disciplinar. Contrato esse que Hannah tentou descumprir mantendo contato próximo e afetivo com os estudantes, ao mesmo tempo que procurava conquistar os pais para sua compreensão.

Não somente nas relações interpessoais, mas também na forma de abordar o conhecimento com seus estudantes, Hannah tentou romper sua dependência dos livros didáticos e manuais. Essas mudanças permitiram a Hannah sentir sua prática cada vez mais próxima de suas convicções pedagógicas. (p. 146)

Os autores destacam que a prática profissional e as concepções ao final de um ano estavam com menos inconsistência que no início em ambos os casos avaliados. Entretanto, os movimentos que permitiram essa aproximação foram opostos, enquanto um delas conseguiu aproximar a prática de suas crenças, a outra abandonou crenças e aproximou suas crenças da prática possível e mais corriqueira na instituição em que ministrava aulas.

Na minha compreensão, os autores superestimam – ainda que afirmem o papel parcial dessas características - os traços de personalidade (capacidade de assumir riscos, força de vontade, compromisso com um determinado perfil profissional, habilidosa, intuitiva... (p. 147)) das professoras como causa das mudanças e não refletem sobre o quanto as condições objetivas de cada um dos ambientes de trabalho propiciou ou não a mudança da prática ou exigiu ou não a mudança da concepção para uma mais acomodada. Parece bem óbvio, pela própria descrição, que a cultura arraigada no caso de Hannah era menos controlada e mais fácil de alterar, além da condição objetiva de Hannah ser a única responsável pelo ensino para o mesmo grupo de crianças, ao contrário de Beth, que dividia a responsabilidade sobre um grupo bem maior com vários colegas, só para citar um exemplo.

Questões:

1. Novamente o exemplo descrito suscita questão sobre a organização escolar em outro país e suas diferenças com a daqui. Nos EUA, parece que o currículo é rígido (a obrigação do professor em cumpri-lo é garantida por exames que são realizados regionalmente e elaborados por autoridades externas, não pelo próprio professor). É possível analisar a positividade e a negatividade desse traço organizacional?
2. Essa análise subestima a força do contexto e superestima as capacidades individuais. Que alterações seriam obtidas como resultado de análise dessas mesmas experiências no caso de o referencial realizado houvesse sido baseado no materialismo histórico e dialético? Isso pode nos mostrar que o referencial que é utilizado interfere nos resultados obtidos. Que categorias teriam sido as utilizadas nessa pesquisa? Seriam as mesmas no caso de trabalho com referencial diverso??